DAS DIFERENTES MÍDIAS AO COTIDIANO ESCOLAR: O *PROFETA DIÁRIO* COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA

Alexandre GUIMARÃES
Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

Júlia RINALDI
Colégio Objetivo
São Paulo, São Paulo, 02333-001, Brasil

e

Mariana MENEZES
Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

RESUMO

O jornalismo sempre objetivou informar o leitor e aproximar-se dele por meio de sua organização temática e narrativa, buscando retratar notícias e matérias pertencentes ao universo do público. O intuito do presente artigo é mostrar um exemplo de aplicação didática para o contexto da Educação Básica brasileira para que se trabalhe o jornalismo em sala de aula utilizando como exemplos práticos a saga literária e cinematográfica *Harry Potter,* por meio de trechos do quinto filme da série, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Pelos exemplos de manchetes retirados do filme e com base nos acontecimentos da narrativa, pretende-se apresentar aos alunos questões como o sensacionalismo, posições ideológicas e, também, a história do jornalismo.

Palavras-Chave: Jornalismo; Violência; Harry Potter; Síria; Processo Ensino-Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Para Scalzo [1], o jornalismo atual divide-se entre o espaço público, revelado pelos jornais, e a abordagem de temas mais próximos ao cotidiano do leitor, realizada pelas revistas. Apesar de o relato ser uma constante da história humana, ambas as formas de jornalismo conhecidas se originaram de veículos de comunicação híbridos, iniciados mais formalmente a partir do século XVII, dependentes de meios de produção primários, e aperfeiçoaram-se de acordo com a evolução tecnológica que avançou, especialmente, entre os séculos XIX e XX, segundo Paillet [2].

Em todos os veículos que se assumem pertencentes ao gênero, o jornalismo tem como função principal informar ao grande público fatos cotidianos e dados importantes para a formação de conhecimento e cidadania da população, "com acuidade, seriedade e credibilidade", conforme aponta Pereira Júnior [3], valores adquiridos por meio de sua evolução técnica e aperfeiçoamento ético concomitantes aos avanços do capitalismo e da tecnologia.

A princípio dotado de uma forte conexão com o poder político e camadas elitizadas da população que dependiam de informações privilegiadas e recentes para articular negócios [4], com a consolidação das indústrias e a transformação da informação precisa e selecionada como mercadoria, o jornalismo perde seu caráter panfletário e partidário, dependente da censura prévia e do controle institucional, para inaugurar um novo paradigma que atenderia, também, às classes menos abastadas e acabaria vinculando-o, simbioticamente, ao conceito de democracia conhecido nos dias de hoje, conforme explicado por Traquina: "[...] A imprensa atuaria como elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes" [5].

Não apenas um articulador entre as instituições e a população, revestido de uma mitologia que conecta liberdade de imprensa e democracia [6], o jornalismo tem um compromisso fortíssimo com a reconstrução factível da realidade "[...] a partir de um conjunto de regras e convenções discursivas" [7] que representa o acontecimento real "[...] por meio de um *enquadramento* técnico [8].

Por meio deste enquadramento obedecido na produção, o leitor elabora um pacto com o jornalista, passando a crer na versão oferecida pelo profissional como um relato apurado dos fatos [9]. A condição de representante da realidade e fomentador da cidadania aos olhos do público traz ao jornalismo o compromisso de manter-se fiel aos critérios técnicos que lhe competem para a produção noticiosa, consolidados após a sua desvinculação progressiva aos partidos e às instituições políticas e obtidos pela união com a publicidade, mais poderosa após o século XIX [10].

A objetividade do texto, para Traquina:

> [...] Não é a negação da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não-interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho [11].

Os critérios técnicos utilizados para conferir ao texto ares de objetividade manifestam-se na produção noticiosa tradicional por meio de título, manchetes, geralmente com verbos colocados no presente do indicativo, subtítulos, conhecidos no jargão jornalístico por linha-fina, que ampliam o tema abordado

na manchete e um *lead* ou lide, primeiro parágrafo da notícia que contém as informações mais importantes referentes ao assunto noticiado, submetido à técnica da pirâmide invertida: para evitar o desinteresse do leitor e facilitar sua compreensão, os dados mais importantes e elementares do assunto são elencados logo no primeiro parágrafo. A partir da leitura deste, caso se interesse pelo assunto, o leitor passa para o restante do texto, a fim de se aprofundar [12].

Manchete, linha-fina, *lead* e texto subsequente são submetidos a um processo de conferência e apuração que, apesar de manter o padrão de ocultação do sujeito para manutenção da imagem imparcial, são escritos mediante uma escolha subjetiva de palavras e imagens [13], organizadas sob uma diagramação, um *design* organizacional encaixado nas páginas do veículo que, invariavelmente, indica uma tomada de posição, conforme dita Pereira Júnior:

> Todo *design* gráfico, cada planejamento visual da página impressa, emite informação sobre o material diagramado e a identidade de quem distribuiu os elementos no espaço daquela maneira, não de outra. A disposição dos elementos nunca é aleatória. A significação ali contida poderia ser diferente se outro o fizesse. É enunciação, que denuncia o enunciador [...]. Títulos, fotos, cada matéria isolada e sua posição na página, todos são enunciados, autônomos. O conjunto, o que eles comunicam ao serem organizados numa dada apresentação, emite também uma mensagem [...] [14].

A partir do fragmento, é possível inferir que, independente da forma com que o texto se constrói, há sempre traços indicativos da carga subjetiva do autor que o redigiu, deixando transparecer posturas editoriais ou objetivos implícitos por meio das estratégias discursivas do texto que podem ou não contribuir para a formação intelectual ou reflexão do público.

Levando em consideração o caráter mercadológico da notícia – transformador do texto em produto de consumo – que modifica os mecanismos discursivos para atrair o público, é possível afirmar que, com base no pacto estabelecido com o leitor, o jornalista ou veículo pode se aproveitar do caráter de credibilidade, próprio do texto, para criar estratégias de atração e de apelo nem sempre condizentes com seu compromisso técnico-ético estabelecido, apelando para "o sensacionalismo, a manipulação da notícia, a propaganda disfarçada" [15], que mostram a ausência de imunidade da imprensa diante do que Muniz Sodré considera

> [...] enormes pressões da mídia de entretenimento, ao enfraquecimento institucional de seus mecanismos de apuração do fato e à consequente perda de rigor na transposição do que já foi pactuado com o público-leitor como realidade objetiva [16].

A perda de rigor na apuração e na produção jornalística, para muitos jornais, pode representar não uma ausência de ética, mas, sim, uma estratégia de aproximação com os leitores que melhoraria a apresentação do *fait divers* diante do leitor e favorecem as vendas de jornais e revistas, *grosso modo*, feitos também por empresas que visam lucro [17].

O *fait divers* constitui o gênero de notícias que, para Angrimani:

> traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. [...] provoca impressões, efeitos e imagens [...] (comprimidas nas formas de valorização gráfica, visual, espacial e discursiva do fato-sensação) [18].

Partindo da afirmação acima, é possível intuir que nem todo *fait divers* é sensacionalista. Retratá-lo faz parte do arcabouço de produção jornalística. No entanto, a forma de retratar essas notícias, estilizando-as de forma a causar emoções fortes no leitor e apelar para suas instâncias sensoriais transforma o *fait divers* em um tipo de conteúdo sensacionalista que, dependendo da alteração ou subversão realizada no texto e nas imagens, pode colaborar para estimular estados alterados de consciência e prejudicar a reivindicação da verdade objetiva dos fatos por parte da população, insuflada pelas notícias divulgadas na mídia.

2. SENSACIONALISMO: CONTROVÉRSIAS

O *fait divers* se constrói a partir do rompimento com a rotina cotidiana: traz consigo a morte, o escândalo, o sexo, o crime e a catástrofe em seu bojo. Por conter informações extremamente dotadas de apelo emocional, é possível dizer que este conteúdo é suscetível a cair nos mais altos graus de sensacionalismo, especialmente, por ser relacionado à violência, tema básico e considerado clichê nos relatos produzidos pela imprensa, de acordo com Angrimani [19].

Retratar a violência cotidiana era uma prática utilizada na imprensa desde o século XVII com a invenção do jornal *Gazette*, por Theophraste Renaudot, em 1631, primeiro a estabelecer, também, o início da objetividade como técnica de produção jornalística [20]. Mas, obteve mesmo grande força e destaque no século XVIII, no Brasil e no exterior [21], como um esforço dos jornais populares para causar no público uma sensação maior de pertencimento e de proximidade, que dependia da prática sensacionalista. Segundo Márcia Amaral [22]:

> As práticas abrangidas pela caracterização sensacionalista tanto podem significar o uso de artifícios inaceitáveis para a ética jornalística, como também podem configurar-se numa estratégia de comunicabilidade com seus leitores.

O sensacionalismo distorce a missão jornalística, mas costuma servir, diversas vezes, como estratégia complementar à narrativa por veículos de grande alcance que desejam atingir o maior número de pessoas possível dentro de seu escopo, que além de

informar-se, desejam entreter-se com a notícia, ter o que comentar com as pessoas próximas e sentirem-se pertencentes a uma comunidade [23].

Os crimes, dramas ou temas com grande potencial de escândalo e apelo emocional são conteúdos básicos, também, para a prática sensacionalista, que se define como Amaral [24] descreve a seguir:

> A prática sensacionalista é [...] nutriente psíquico, desviante ideológico e descarga de pulsões instintivas. As notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais, criam penalização no lugar de descontentamento e constituem-se num mecanismo [...] que particulariza os fenômenos sociais. [...] O sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma.

Assim, é possível inferir que o texto jornalístico pode utilizar o sensacionalismo como recurso válido não sob o ponto de vista moral, mas, sim, sob o aspecto comercial, para favorecer as vendas em detrimento do papel teórico pregado pela mitologia da profissão. Angrimani [25] trata da utilização oportuna da linguagem clichê dos textos sensacionalistas, que faz uso de figuras e noções socialmente correntes para ganhar maior atenção, especialmente, no que diz respeito ao escândalo e à violência, que pode definir-se

> através do ataque ou da defesa, e, em geral, mas não sempre, alicerçada pelo emprego da força, que ou impõe ou vai contra uma pressão, um excesso calcado na ausência – contrária à razão e à justiça – da liberdade, gerando danos, os quais podem ser físicos e/ou morais, que se representem nas posses ou nos planos simbólicos e culturais de um homem, de um grupo, de uma sociedade, de uma ou várias nações [26].

A violência e os escândalos a ela relacionados seriam assuntos clichês não por serem desprovidos de utilidade, mas porque, dentro da organização narrativa sensacionalista, são frequentemente utilizados para atender ao desejo de entretenimento do público e permeados por figuras de linguagem e símbolos incorporados à consciência coletiva que podem favorecer juízos de valor, muitas vezes, equivocados ou direcionados acerca do assunto retratado na notícia.

Realizar a leitura de uma matéria sensacionalista constitui uma aproximação com o público extremamente rentável, pois recupera no leitor não só a proximidade, mas também o terror, o entorpecimento e a sensação de insegurança, diante do descontrole, estimulando o consumo de mais notícias a respeito da violência que o cerca [27]. Assim, o leitor passa a ser o herói distante, diante do mal virtualizado, o indivíduo digno denota por sobreviver a tantas catástrofes, mentiras e escândalos, que apesar de não o atingir, ainda marcam sua presença gravados no inconsciente do indivíduo, instaurando o medo, a dúvida e a desconfiança [28].

Tratar da violência no jornalismo serve, também, para que o leitor julgue a si mesmo por meio da sombra mostrada no outro retratado na matéria. Von Franz [29] explica como as narrativas que tratam do duelo entre o bem e o mal repercutem nos leitores:

> Se os demônios coletivos nos afetam, é porque devemos ter algo deles em nós - caso contrário não nos afetariam e a porta de nossa psique não estaria aberta à sua entrada.

A autora refere-se à sombra como o arquétipo, tipo comportamento repetido ao longo da história humana e representado por meio de símbolos, de acordo com Jung [30], referente aos mais variados tipos de comportamentos reprimidos considerados negativos, e que se revelam nas notícias violentas e escandalosas pelos detalhes da diagramação, escolha de palavras e fotografias, caracterizando as categorias de sensacionalismo existentes:

> o gráfico, quando há descompasso entre o valor e a configuração da imagem e o texto escrito; o temático, feito para destacar sensações e emoções em detrimento da responsabilidade social e objetiva da matéria; e o linguístico, focado na escolha de palavras que ressaltem a tensão a respeito do tema [31].

Reprovando o comportamento do outro apresentado na matéria e analisando-o perante o próprio, o leitor utiliza as sensações desagradáveis que sente ao ler a matéria como um lembrete e um elogio a si mesmo. Ao mesmo tempo em que se recorda do pertencimento a uma camada social que não comete os mesmos erros apresentados na matéria, sabe que a sombra ainda existe, mesmo contida, e que pode, em um momento de descuido, aflorar como uma avalanche de terror sobre ele próprio e os outros.

A partir desse medo do desconhecido, que nada mais é do que o conjunto de instintos negativos e reprimidos do ser humano representados pela sombra, os símbolos e as figuras conectados a esse arquétipo começam a surgir, das mais diversas formas, permeando a narrativa jornalística e contribuindo para consolidar um estado paradoxal de tensão e anestesia, o medo do violento e maldoso que está por vir e pode saltar do campo da notícia para o real, mas que ainda é extremamente capaz de entreter e aliviar e, por isso, inconscientemente desejado.

3. *HARRY POTTER*: UMA INTRODUÇÃO E FATOS

Em 1997, a autora britânica J. K. Rowling publicou o primeiro volume da série *Harry Potter* que, apesar de ter sido recusado a princípio por várias editoras, tornou-se um sucesso de vendas. A saga é composta de sete livros que narram a história do menino órfão, Harry Potter, que descobre ser um bruxo, ao receber um

convite para estudar em uma escola de magia. No decorrer da história, Harry Potter enxerga fatos de seu passado e as consequências que terá no futuro e encara seu destino ligado ao seu principal inimigo e ameaça de toda a nação bruxa, Lord Voldemort.

Nos anos 2000, a saga de Rowling passou a ser adaptada para o cinema e logo os filmes tornaram-se sucesso de bilheteria. Conforme o amadurecimento das personagens ao longo da narrativa, novas temáticas ganham destaque.

No quarto volume da série, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, um episódio merece ser ressaltado: Harry Potter é levado para um cemitério, no fim de um labirinto, junto com Cedrico Diggory durante uma competição. Lá, presencia o assassinato do colega e o retorno de seu inimigo a partir de itens combinados por um seguidor do Lorde das Trevas. Ao assumir novamente a forma humana, Voldemort deseja lutar com Harry Potter, com intenção de matá-lo. Na luta, Harry Potter consegue escapar e retornar a Hogwarts junto com o corpo de Cedrico Diggory.

Já no início do quinto volume, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, as autoridades passam a questionar a autenticidade dos fatos ocorridos na noite no labirinto e acusam Harry Potter e Alvo Dumbledore de estarem mentindo sobre o retorno do Lorde das Trevas. Harry, então, seria um mentiroso e Dumbledore, o professor imprudente, responsável por acobertá-lo.

O Ministério da Magia, por acreditar que Dumbledore deseja o controle do mundo bruxo, passa a impor algumas mudanças na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, a começar com a inclusão da subsecretária do Ministro da Magia, Dolores Umbridge, no corpo docente de Hogwarts. A bruxa assume o cargo de professora de Defesa Contra as Artes das Trevas e passa a aplicar somente aulas teóricas, justificando que não há perigo a solta. Além desta conduta, Umbridge adota novas regras para a escola, visando manipular os alunos para que não acreditem em Dumbledore.

4. JORNALISMO EM *HARRY POTTER*

Na saga *Harry Potter*, os meios de comunicação não acompanham os avanços do mundo trouxa, ou seja, do mundo real, sendo reduzidos a apenas cartas enviadas por corujas e jornais.

Há dois periódicos jornalísticos que circulam no mundo bruxo: *O Pasquim* e o *Profeta Diário*, cada qual com uma vertente, uma posição adotada perante a situação pela qual a nação bruxa está passando no momento em que há boatos de que o Lorde das Trevas retornou.

O Pasquim, antes do acontecido no labirinto, publicava conteúdos diversificados e sem caráter político. O formato d'*O Pasquim* se aproxima de um tabloide, contendo muitas imagens e textos curtos. Com o retorno de Voldemort, divulgado por Harry Potter e Alvo Dumbledore, *O Pasquim* adota uma postura de oposição ao *Profeta Diário,* defendendo a versão de que o Lorde das Trevas teria voltado, opondo-se, assim, também, ao Ministério da Magia. Porém, devido ao padrão editorial do veículo aprofundado no absurdo, os bruxos não dão credibilidade a *O Pasquim* e desacreditam da versão defendida pelo jornal, tornando o fato vivenciado por Harry Potter em uma invenção manipulada.

O nome do tabloide do mundo mágico foi dado pela tradutora da série *Harry Potter* no Brasil, Lia Wyler. Vale ressaltar que o nome adotado para nomear *O Pasquim*, *Quibbler*, no idioma original, remete ao tipo de jornalismo que surgiu no início do século XVI, segundo informa Paillet [32]:

> Trata-se dos 'pasquins' que se interessam pelo que chamamos hoje de *fait divers* e pelas variedades (*features*). [...] Os 'pasquins', com muitas ilustrações, pretendem-se verídicos, explicativos e edificantes (já então). Multiplicam-se as provas materiais dos episódios contados, os testemunhos.

Além disso, o nome adotado remete a outro tipo de veículo que tratava de temas diversificados e provocadores durante a ditadura militar e que passou a ganhar credibilidade na medida em que passou a ser um símbolo da indignação de parte da população diante do regime. Tal característica é semelhante em *Harry Potter*: *O Pasquim* foi visto com outros olhos pela nação bruxa quando, de fato, o ocorrido foi comprovado.

Por outro lado, há também o *Profeta Diário* que, ao contrário d'*O Pasquim*, é utilizado pelo Ministério da Magia como um meio de manipular e coordenar a população bruxa para encobrir o fato ocorrido no labirinto, ou seja, para não revelar, de fato, que Lord Voldemort havia voltado.

No caso, volta-se à questão das publicações do início do jornalismo, de caráter fortemente panfletário e que cedia às pressões do governo. Divulgavam as informações que a elite queria que fosse divulgada e o veículo era constantemente sujeito à censura.

O *Profeta Diário*, assim, era manipulado politicamente pelo Ministério da Magia, que acreditava que Dumbledore queria tomar o lugar de Cornélio Fudge ao apoiar o relato contado por Harry Potter de que Voldemort havia, de fato, retornado. Além das publicações no jornal, o Ministro da Magia ainda trabalhava em conjunto com Umbridge, em Hogwarts, que, ao perceber que alguns alunos acreditavam na versão d'*O Pasquim*, ou seja, que o Lorde das Trevas havia, de fato, voltado, realizou um decreto ameaçando qualquer estudante que estivesse lendo *O Pasquim* de expulsão da escola.

Com essa supervisão do Ministro da Magia, o *Profeta Diário* utiliza seu veículo para endossar a opinião da nação bruxa, em vista que ninguém, exceto Harry Potter, sabe o que, de fato, aconteceu. Assim, é possível descartar o compromisso jornalístico com o factual e verdadeiro na apuração e produção de notícias, agendando a opinião pública da maneira desejada.

5. O DISCURSO JORNALÍSTICO EM *HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX*

O quinto volume da série, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, foi adaptado para o cinema em 2007 e dirigido por David Yates. Por se tratar do volume mais extenso da série literária, processos adaptativos foram utilizados para conduzir a história de forma com que não faltassem conteúdos importantes para o percurso da narrativa. Sobre a adaptação de livro para filme, buscando a transposição de conteúdos, Hutcheon afirma [33]:

> A adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar – "ajustar" as histórias para que agradem ao seu novo público.

Uma característica da linguagem do filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix* é a transposição de fatos contados por meio do livro a partir de manchetes do jornal *Profeta Diário*, utilizado, também, como um método de redução, para que o filme não ficasse extremamente longo, porém sem deixar de revelar os conteúdos.

Como mencionado, as manchetes em destaque são do jornal *Profeta Diário*, que contém um caráter sensacionalista, que, dentro da narrativa, pretende atrair a população bruxa com títulos chamativos e que abordem aquilo que, normalmente, gostariam de ler, de fato, num jornal: nenhum relato violento, apenas relatos que garantem o bem de todos.

O espectador do filme consegue compreender que há uma inverdade nessas manchetes, que os conteúdos ali estão multiplicados, até mesmo, pela construção das cenas, que mostram o que, de fato, está ocorrendo, porém, o jornal trata de outra maneira.

Uma cena merece destaque: logo no início do filme, quando Harry Potter chega à sede da Ordem da Fênix e encontra vários bruxos reunidos, o garoto descobre a conspiração do *Profeta Diário* com o Ministério da Magia contra Dumbledore e a si mesmo. A manchete [34] diz: "*O menino que mente? Fudge: 'Tudo está bem*'", conforme ilustra as figuras abaixo, extraídas do filme Harry Potter e a Ordem da Fênix:

Fig. 1 Manchete do *Jornal Profeta Diário* extraída do filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Fonte: https://br.pinterest.com/tamacita70/harry-potter-and-the-order-of-the-phoenix/

Fig. 2 Manchete do Jornal *Profeta Diário* extraída do filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Fonte: http://tatesha.com/HarryPotter/itMs.html

A chamada refere-se ao episódio ocorrido no ano anterior, na noite no cemitério, em que Voldemort retornou. A manchete faz referencia ao título que Harry Potter recebeu ao longo da vida "o menino que sobreviveu" [35], pois escapou da morte do Lord das Trevas, quando ainda era um bebê, porém de forma com que esse título do garoto fosse, agora, algo duvidoso. O título induz o povo bruxo, que idolatra e respeita Harry Potter, a mudar de ideia sobre o garoto, endossando que ele está mentindo sobre os fatos.

Em seguida, há uma menção ao Ministro da Magia, no caso, uma figura pública de autoridade na nação bruxa, que induz uma voz de verossimilhança, logo, oposta a de Harry Potter. A menção diz respeito ao pensamento de que o que o garoto está dizendo é mentira e que tudo está bem no mundo bruxo: nenhum Lord das Trevas retornou e não haveria motivos de violência para se preocupar.

A partir deste momento, o garoto passa a compreender que as autoridades acreditam que ele e seu mentor querem algum tipo de controle do mundo bruxo, apesar de não ser verdade, e que, ao longo do ano, deverá enfrentar a oposição vinda de seus colegas, professores e autoridades.

6. PROPOSTA DIDÁTICO-METODOLÓGICA

O movimento interdisciplinar encontra sua origem na Europa dos anos 1960, em particular na França e na Itália, trazendo em sua base a ideia de um processo de ensino-aprendizagem calcado em uma visão não mais em um saber fragmentado, mas, sim, em uma visão da totalidade dos conhecimentos.

Entretanto, é importante pensar que essa postura educacional, que envolve as diversas áreas do saber, também, não surte efeito se não houver um processo voltado para a aprendizagem significativa, ou seja, se não permitir que

> o aluno relacione o que está aprendendo com conhecimentos e experiências que já possui; que o envolva como pessoa; que o incentive a perguntar, a comunicar, a debater, a trabalhar em equipe; e que amplie o seu mundo [36].

No cenário brasileiro atual, os alunos da Educação Básica enfrentam, cotidianamente, o discurso midiático da violência e,

some-se, grande parte deles faz parte do grupo que conhece e, muitas vezes, aprecia, a saga de Harry Potter.

Por esse ponto de vista, pensando no universo discente e com objetivo da formação da cidadania, para além do aspecto conteudístico largamente trabalhado, por vezes como uma experiência didático-metodológica, no ambiente escolar, buscam-se: o jornal, a violência e Harry Potter para o desenvolvimento do presente projeto que abrange diversas disciplinas.

Tendo em vista os conflitos ocorridos na Síria, e cientes de que as crianças estão entre as maiores vítimas da Guerra Civil e que esse conflito não se restringe àquele território, uma vez que ele repercute em diversos outros países, inclusive no Brasil, objetiva-se, a partir da fotografia de Hamid Khatib – que capta a imagem de Issa, à época com dez anos de idade, trabalhando na composição de armas para uma fábrica bélica do Exército Livre da Síria, em Aleppo – o desenvolvimento de um projeto composto das seguintes etapas:

Fig. 3 Fotografia captada por Hamid Khatib/Reuters

Fonte: http://noticias.uol.com.br/album/2014/03/16/guerra-civil-na-siria-completa-3-anos.htm#fotoNav=6

1ª Etapa: Exibição, análise e discussão de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (filme em que o fato analisado aconteceu).

2ª Etapa: Reapresentação dos fragmentos de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* em que há destaque para os eventos noticiados em *O Pasquim* e no *Profeta Diário* e comparação destes com os fragmentos da obra literária, tendo como parâmetro de análise e discussão o tratamento da temática da violência e seus diferentes tratamentos jornalísticos.

3ª Etapa: Apresentação de diferentes definições de violência e debate sobre a relação da violência e o cotidiano dos discentes.

4ª Etapa: Apresentação de conceitos jornalísticos e de confecção de notícia.

5ª Etapa: Apresentação da fotografia de Hamid Khatib, contextualização do conflito sírio e sua repercussão histórica, social, econômica e humanitária.

6ª Etapa: Divisão da sala de aula em seis grupos: três representando a ideologia de *O Pasquim* e três a ideologia do *Profeta Diário*.

7ª Etapa: Solicitação de criação de notícia, de acordo com a linha ideológica do jornal ao qual o aluno pertence, que trate da história de Issa, buscando o auxílio dos professores de todas as disciplinas escolares.

8ª Etapa: Apresentação, confronto e análise das seis notícias criadas.

9ª Etapa: Reescrita das notícias da história de Issa de acordo com as diretrizes do Projeto *A notícia que você sempre quis dar*, desenvolvido pela Profª. Drª. Valéria Bussola Martins, que solicita aos alunos a escrita de uma notícia sob a ótica positiva:

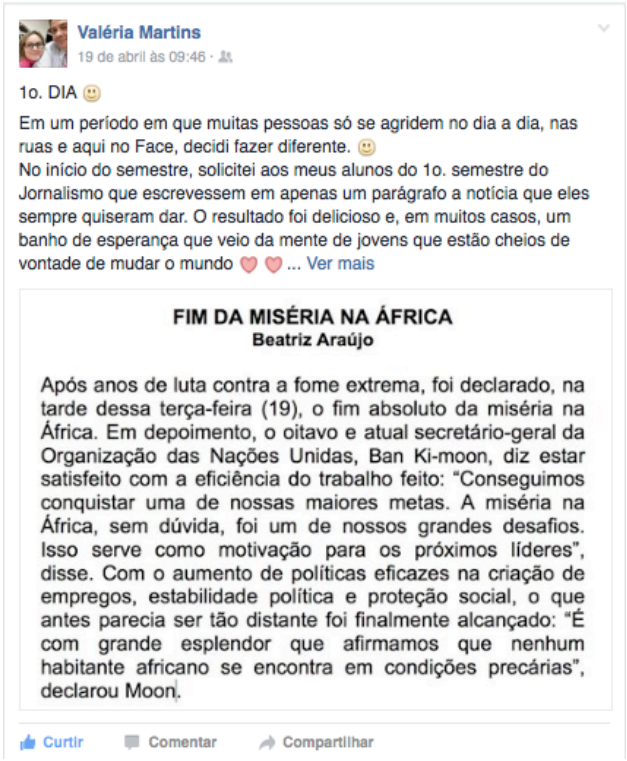

Fig. 4 Fragmento do Projeto *A notícia que você sempre quis dar*.

Fonte: https://www.facebook.com/valeria.martins.1428921?fref=ts

10ª Etapa: Apresentação, confronto e análise das seis novas notícias criadas.

11ª Etapa: Criação de blog para veiculação das notícias e ampliação das notícias para exposição no colégio.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a aula expositiva, monológica, está cada vez mais distante de alcançar as reais, e legais, propostas educacionais junto ao corpo discente. É sabido, também, que é papel da escola a formação de cidadão conscientes. É sabido, igualmente, que para atingir o aluno faz-se fundamental conhecer seu universo, sua realidade, seus anseios, dentre outras características.

Infelizmente, a violência faz parte da vida do adolescente brasileiro. Faz parte de seu cotidiano, seja por meio do texto verbal escrito, imagético ou audiovisual, o contato com o jornalismo. Esse mesmo cidadão conhece e, por vezes, chega a desfrutar das narrativas compostas ou originárias dos livros de J. K. Rowling.

Assim sendo, pretende-se, por meio do universo jornalístico, do pensar sobre a violência, do texto literário, de filmes cinematográficos, da composição de blog e da interdisciplinaridade, debater questões cruciais para a contemporaneidade, refletir e concretizar uma ação didático-metodológica que gere um aprendizado mais significativo para o adolescente, no que tange à questão da violência.

REFERÊNCIAS

[1] M. Scalzo. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Contexto, 2006.

[2] M. Paillet. **Jornalismo: o quarto poder.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

[3] L.C. Pereira Jr. **Guia para a edição jornalística.** Petrópolis: Vozes, 2011.

[4] M. Paillet. **Jornalismo: o quarto poder.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

[5] N. Traquina. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. (V. 1)

[6] N. Traquina. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. (V. 1)

[7] M. Sodré. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

[8] M. Sodré. **A narração do fato.** Petrópolis: Vozes, 2009.

[9] M. Sodré. **A narração do fato.** Petrópolis: Vozes, 2009.

[10] N. Traquina. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. (V. 1)

[11] N. Traquina. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. (V. 1)

[12] L.C. Pereira Jr. **Guia para a edição jornalística.** Petrópolis: Vozes, 2011.

[13] M. Sodré. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

[14] L. C. Pereira Jr. **Guia para a edição jornalística.** Petrópolis: Vozes, 2011.

[15] M. Sodré. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

[16] M. Sodré. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

[17] M. F. Amaral. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

[18] D. Angrimani. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1994.

[19] D. Angrimani. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1994.

[20] D. Angrimani. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1994.

[21] M. F. Amaral. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

[22] M. F. Amaral. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

[23] M. F. Amaral. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

[24] M. F. Amaral. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

[25] D. Angrimani. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

[26] A. H. T. Guimarães. **A documentação fotográfica da violência como um recurso para prática educacional.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2001.

[27] M. S. Contrera. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Fapesp, 2008.

[28] M. S. Contrera. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Fapesp, 2008.

[29] L. M. V. Franz. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1985.

[30] C. G. Jung. **Arquétipos e inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000. (V. 1)

[31] M. F. Amaral. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 20-21. [32] J. Teixeira**. Quando o mal triunfa.** *Revista Veja*. São Paulo: v. 2055, n.14, 9. abr. 2008.

[32] M. Paillet. **Jornalismo**: o quarto poder. São Paulo: Brasiliense, 1986.

[33] L. Hutcheon. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: UFSC, 2011.

[34] D. Yates. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Reino Unido: Warner Bros., 2007.

[35] J. K. Rowling. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

[36] A. H. T. Guimarães. **A documentação fotográfica da violência como um recurso para prática educacional.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2001.